

Educação, religião e espaço sagrado

Eunice Simões Lins Gomes

Pedagoga, Teóloga, Professora Pós Dra. no Centro de Educação-CE da Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Lotada no Departamento de Educação do Campo -DEC. Professora na Pós Graduação do Curso de Ciências das Religiões - PPG-CR. Líder do Grupo de Pesquisa. Educação, Religião e Imaginário. GEPA, e-mail.

euniceslgomes@gmail.com

Josilene Silva da Cruz

Mestra e licenciada em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Doutoranda em Ciências das Religiões pela mesma instituição. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Religião e Imaginário - GEPAL, e-mail: josileneufpb@gmail.com

Resumo

Compreendemos o Ensino Religioso (ER) como área do conhecimento humano, científico e social, que se constitui disciplina escolar para contribuir com a educação, formação e humanização das crianças e jovens. Percebemos o espaço sagrado, como lugar de manifestação, com suas peculiaridades, crenças e valores e consideramos a sala de aula como lugar propício para professor e aluno discutirem em clima de harmonia essas questões, proporcionando uma educação que respeita o indivíduo e a diversidade. Desse modo desenvolvemos uma pesquisa descritiva e de campo em uma escola da rede estadual no ensino fundamental com professores do componente curricular Ensino Religioso. Traçamos como objetivo favorecer uma aprendizagem mais ampla sobre a diversidade de fenômeno religioso, desenvolvendo o turismo religioso, visitando os espaços sagrados através da aula passeio uma proposta pedagógica de Celestin Freinet. Como primeiro resultado foi possível identificar e mapear os lugares sagrados que fazem parte da região onde a escola encontra-se inserida e visitar três espaços sagrados: um terreiro de umbanda, uma igreja católica e uma igreja evangélica, bem como identificar os símbolos religiosos e sua simbologia presentes nestes espaços favorecendo a compreensão e percepção dos educandos com relação à perspectiva simbólica e sua relação homem e espaço sagrado.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Diversidades. Espaço Sagrado.

Education, religion and sacred space

Abstract

We comprehend the religious education (RE) as a field of human knowledge, scientific and social, which is a school discipline that contribute to the education, training and humanization of children and youth. We see the sacred

space, as a manifestation place, with its peculiarities, beliefs and values and consider the classroom as a proper place where teacher and student discuss in harmony climate these issues, providing an education which respects the individual and diversity. Thus we developed a descriptive and field research in the elementary school of a public school with teachers of the curriculum component of Religious Education. We set the aim as to promote a deeper learning about the diversity of religious phenomena, developing religious tourism, visiting the sacred spaces through a trip class as a pedagogical proposal of Celestin Freinet. As a first result we could identify and map the holy places that are part of the region where the school is inserted and visit three sacred spaces: a umbanda temple, a catholic church and an evangelical church, and to identify the religious symbols and their symbology present in these spaces promoting the comprehension and perception of students due to symbolic perspective and the man and sacred space relationship.

Keywords: Religious Education. Diversity. Sacred Space.

Considerações iniciais

Nada melhor que iniciar nosso artigo trazendo à memória o grande educador Paulo Freire (2003), quando ressalta que aprendeu a ler e a escrever com seus pais, sob as mangueiras do quintal de sua casa, e que costumava a escrever na terra com um pedacinho de pau. E assim, lendo e escrevendo palavras do seu horizonte, da sua experiência, a leitura foi se tornando um ato de amor, fazendo a diferença na sua formação.

Entendemos que educar deve ser um ato de amor, de desafiar a buscar o desconhecido, de aprender através da experiência. Pensando assim, estruturamos nossa proposta de estudo buscando valorizar a diversidade cultural e religiosa visitando espaços sagrados com professores e alunos do Ensino Religioso (ER), traçando como proposta desenvolver a teoria e a prática na sala de aula, bem como instigar um olhar sensível para a diversidade do fenômeno religioso, pela imaginação simbólica individual e coletiva.

Selecionamos a pesquisa descritiva e de campo e delimitamos uma escola da rede estadual do estado da Paraíba envolvendo professores do ER e alunos do Ensino Fundamental II, buscando desenvolver a temática sobre a diversidade do fenômeno religioso e os símbolos sagrados. Sobretudo os que foram contemplados na perspectiva

dos espaços sagrados abordados na experiência pedagógica proposta, valorizando a religiosidade dos partícipes dessa experiência vivenciada.

Até porque, consideramos que a religiosidade é parte integrante do ser humano, a qual se expressa por meio de várias formas simbólicas, por isso nosso objetivo foi favorecer uma aprendizagem mais ampla sobre a diversidade de fenômeno religioso e desenvolver o turismo religioso, visitando os espaços sagrados próximos a escola selecionada através da aula passeio fundamentada na proposta pedagógica de Celestin Freinet.

Desse modo, buscamos proporcionar aos docentes do ER um despertar para o uso da imaginação simbólica, para a construção de um olhar sensível e curioso para os símbolos religiosos numa perspectiva de respeito às diferenças religiosas, assim como à diversidade cultural religiosa em que nos encontramos inseridos. Esse fato justifica a relevância de nossa experiência com as visitas aos espaços sagrados nas proximidades da escola que realizamos nossa pesquisa. O que proporcionou um contato com a diversidade religiosa presente naquela região levando o educando ao conhecimento mínimo sobre o contexto em que se encontra inserido, transformando-se numa oportunidade de valorização sobre a diversidade religiosa ali existente.

Torna-se evidente que o ER caracteriza-se como um forte instrumento de aceitação da diversidade, promovendo o estudo dos símbolos bem como o diálogo inter-religioso, e que pode beneficiar, o exercício da tolerância religiosa no mundo pluralista em que vivemos, tal como nos assegura Nasser (2006).

Sabemos que as religiões, na sua maioria, trabalham com linguagens simbólicas, pois o símbolo surge como mediação do homem com o transcendente. Desse modo a religião exerce também uma função social na qualidade de criador de um vínculo entre as pessoas. Assim nosso desafio foi proporcionar aos alunos uma releitura dos símbolos religiosos ao visitar espaços sagrados.

Entretanto, ressaltamos que todo trabalho realizado com o uso das tradições religiosas deve ser feito com muito zelo, pois se estará lidando com o de mais sagrado que cada indivíduo possui, desde ao respeito, a ética, aos princípios morais, sociais. Por outro lado, nossa pesquisa é relevante e desafiadora, pois proporciona um mundo mágico e encantado (DURAND, 2003), ao identificar que os símbolos moram na

dimensão espiritual dos seres humanos. Até porque os símbolos, revelam quem somos, apontam para nossa história remetendo à sonhos e sentimentos que demonstram nossa identidade (NASSER, 2006).

Consideramos importante ressaltar que a perspectiva da mediação simbólica é o que muitas vezes rege a nossa relação humana com nossas divindades, ou em outros termos, o sagrado. Por isso essa é uma instância relevante em todos os relatos que possam ser tratados no que se refere à vivência religiosa, seja ela por uma adesão, como ocorre na relação de seus crentes e a religião; ou por um contato à título de conhecimento religioso, como o que ocorre numa pesquisa. Sem o viés simbólico dificilmente conseguiríamos explicar e/ou compreender as relações entre os fieis e sua divindade. Desse modo, o simbolismo se faz presente nessa relação como aquilo que facilita a compreensão e entendimento dessa relação humano *versus* divino.

Nesse sentido, em nosso artigo buscamos tratar de três temáticas (educação, religião e espaço sagrado) que permeiam a vida do educando enquanto ser social que encontra-se inserido numa cultura. Obviamente elas não são as únicas, mas com certeza será influenciado por diversas instâncias e dentre elas destacamos: a educação (juntamente com o Ensino Religioso), a religião (e a perspectiva da diversidade religiosa) e o espaço sagrado (e a relevância da perspectiva simbólica). Para tanto estruturamos em três partes para tratar de cada um desses elementos relacionando-os com a pesquisa realizada, vejamos:

Quanto a Educação e ao Ensino Religioso

O pensamento pedagógico renascentista se caracterizou por uma revalorização da cultura greco-romana. Essa nova mentalidade influenciou a educação, necessária para todos os homens. Foi um momento fértil de grandes descobertas, tal como a invenção da imprensa, a invenção da bússola possibilitando grandes navegações dentre outras descobertas. Vale ressaltar também a reforma protestante, como a primeira grande revolução burguesa, que foi iniciada pelo monge agostiniano, Martinho Lutero (1483-1546), que transferiu a escola para o controle do estado nos países protestantes, uma escola pública. Ressaltamos também a participação dos Jesuítas com seus planos,

programas e métodos na educação, onde tudo estava previsto, desde a posição das mãos e o modo de levantar os olhos, com seu lema “obediência ao papa até a morte”.

Entretanto é possível identificar no decorrer da história certa desconfiança ou estranhamento aos estudos sobre a temática educação/religião, a partir de algumas marcas que ficaram depois da cisão do binômio igreja/educação. Outro fator também que contribui para a resistência desta temática diz respeito ao lugar distinto que cada uma destas áreas vem ocupando ao longo dos anos, sendo alvo de controvérsias e embates, em função de sua herança histórica como um tema privilegiado de um determinado sistema religioso, configurando-se na atualidade como uma temática a ser tratada de forma cautelosa por alguns estudiosos.

A nossa compreensão sobre a educação é que ela não está reduzida aos conhecimentos intelectuais transmitidos e assimilados. De modo que essa categoria é vista em nossa concepção como um processo orgânico-afetivo-cultural de interação com o meio, de transformação social e de relacionamentos de preferências e estranhamentos, além de constituir-se eminentemente num ato político, carregado de decisões e ações sobre a vida das pessoas.

Educar é aprofundar a consciência e a consciência se forma a partir de nossa existência, de nossas vivências, incluindo-se nesse processo vivencial a nossa relação com o sagrado. Portanto, nem descartamos a natureza biológica do ser, pois assim estaríamos desconsiderando a organização filogenética evoluída do sistema nervoso e órgãos sensoriais, já que o cérebro é um sistema aberto auto-organizável que é moldado pela sua interação com objetos, pessoas e eventos. Nem podemos nos afastar do humano como ser de consciência e história. Em um processo de reflexão sobre si, sobre as suas operações e ações, o homem vai produzindo de maneira singular a sua sobrevivência, buscando o sentido em diversos elementos, dentre eles a religião.

Até porque essa instância da vivência humana precisa ser contemplada também no âmbito escolar, pois não se tem conhecimento de alguma cultura em que não se encontre a vertente religião como algo presente. E nesse sentido, percebemos a relevância do componente ER, tendo em vista que o mesmo se ocupa tanto deste tema como dos temas correlatos à ele, e para que esse atenda à essa perspectiva de

abordagem dos fenômenos ligados à religião é necessário que o professor esteja preparado para lidar com os embates, conflitos e discussões que se vinculam ao tema.

Partimos do pressuposto de que para os professores de ER se prepararem para enfrentar o desafio de provocar aprendizagens num mundo de incertezas, de preconceitos, intolerância religiosa, necessitam ter suas mentes despertadas para a delicadeza e amplitude das relações que educam através da diversidade do fenômeno religioso. “O desafio de compreender o ser humano e suas peculiaridades se faz vivendo diferentes situações, refletindo sobre elas e compartilhando suas reflexões com seus pares”, (CALDEIRA, PAROLIN, 2007, p. 17).

Desse modo, consideramos que a formação de professores para o ER reivindica uma articulação dentro dos currículos, tratando de questões referentes ao ato pedagógico e aos conhecimentos religiosos, sobretudo na perspectiva do fenômeno religioso. Desse modo, podemos inferir que a formação em Ciências da Religião e/ou Ensino Religioso, que vislumbram a análise do fenômeno sob diversas perspectivas, ou em outros termos, múltiplos olhares, seja pertinente para tal componente.

O acúmulo de estudos de Ciências da Religião nos cursos de pós-graduação já foi um primeiro passo para a superação dos preconceitos e da própria institucionalização do estudo científico da religião, no âmbito das ciências habilitadas nas áreas estabelecidas pelos órgãos do Ministério da Educação. As Ciências da Religião podem oferecer a base teórica para o ER, posicionando-se como mediação epistemológica para suas finalidades educacionais em cursos de licenciaturas. (PASSOS, 2007, p. 114).

De acordo com o exposto uma questão essencial que permeia o componente ER consiste na formação adequada até porque a atuação dos professores intenta promover ações que possam contribuir “[...] no sentido de: subsidiar os(as) educandos(as) a enfrentarem as questões que estão no cerne da vida [...] para que possam agir desde uma atitude dialógica e de reverência no processo de aproximações e de relação com as diferentes expressões religiosas.” (KLEIN; JUNQUEIRA, 2008, p. 227). Esse fato nos remete à atual identidade dada ao componente ER que durante muito tempo foi visto como uma extensão da religião dominante, mas que hoje não mais se configura dessa forma, tendo em vista seu aparato legal fundamentado na alteração do Art. 33 da LDBEN, conforme nos indica Junqueira (2015)

[...] é possível conhecer a identidade do Ensino Religioso nas escolas brasileiras a partir do ano de 1997 com a revisão do artigo 33 (Lei 9475/97). Desta forma coube a cada sistema estadual e municipal de ensino a responsabilidade de organizar o Ensino Religioso, estabelecendo diretrizes para as diferentes realidades regionais. (JUNQUEIRA, 2015, p. 21).

O componente curricular ER encontra-se em processo de desenvolvimento, e sua história remete à períodos de avanços e retrocessos, mas perante a nova identidade que este componente adquiriu em nosso país os avanços são cada dia mais visíveis principalmente no que se refere à formação. Também é preciso ressaltar sua conquista mediante sua contemplação na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pela primeira vez na história, o que também nos remete à sua “nova identidade”, sem proselitismos, sendo o mesmo cada dia mais visto como um real contributo para a formação cidadã fundamentado na alteridade.

Nesse sentido, ressaltamos que a “ética da alteridade é um dos fundamentos metodológicos a orientar o diálogo inter-religioso e intercultural, basilar para o reconhecimento da diversidade religiosa, implicando em corresponsabilidades para o bem-viver [...]” (BNCC, 2016, p. 173). O que demonstra a relevância deste componente para compreensão desta ética como um elemento norteador da vivência humana, seja ela com os religiosos ou os não religiosos, crentes ou não crentes.

Desse modo, procuramos traçar como proposta para realização de nosso turismo religioso o entendimento de que o professor de ER é o mediador do processo de aprender e responsável pelas aprendizagens promovidas em sala de aula e no ambiente escolar, bem como, que não se aprende só na escola, até porque o turismo religioso estará favorecendo a saída dos alunos da sala de aula assim como o conhecimento dos espaços sagrados como uma oportunidade de superação das intolerâncias tendo em vista o contato com as diferentes crenças.

Ressaltamos ainda que é na escola que se pode ter acesso às grandes obras de conhecimento e que o processo da aprendizagem, apesar de ser em última instância um processo particular e individual, acontece também num espaço coletivo, em diferentes níveis de relação, em nosso caso específico, em espaços sagrados como os que foram visitados.

Assim, compreendemos que o espaço escolar comumente é visto como um espaço propício para o diálogo e partilha do conhecimento, no entanto em nosso entendimento o professor pode fazer uso de outros espaços para proporcionar aos educandos o contato com o “novo ou com o desconhecido”. Em outros termos, podemos dizer, que a condução dos educandos à outros espaços pode contribuir consideravelmente para um processo de ensino aprendizagem que ultrapassa o “tradicional” podendo transformar-se numa oportunidade de uma vivência única e de aprendizado mútuo.

Além disso, ressaltamos que esta oportunidade torna-se ainda mais relevante quando se trata do componente Ensino Religioso, tendo em vista as dificuldades que o professor enfrenta por vários motivos, mas, podemos ressaltar a carga horária limitada à um encontro semanal, a não realização de avaliação, bem como sua matrícula facultativa, etc. Por fim o professor precisa realmente “conquistar” seus educandos para que esse momento vivenciado na disciplina seja prazeroso e proveitoso, como pode ser o momento de uma aula campo, instigando a curiosidade e a participação de todos, primando pelo conhecimento do “diferente”.

Quanto a Religião e a Diversidade Religiosa

Um dos problemas na definição do termo “religião” é o que vem sendo registrado ao longo das pesquisas de grandes estudiosos sobre a temática, no entanto, cabe-nos de forma precisa abordar algumas definições. Iniciemos pelo termo etimológico, a palavra religião, vem do antigo termo latino religio, “sempre que esse termo aparece traz a conotação de escrúpulo, no sentido de uma consciência de como as coisas devem ser feitas, remete a um estilo de comportamento marcado pela rigidez e precisão”, (SOARES, 2010, p.27), o que remete a observância cuidadosa, a atuação com certa consideração, a atuação correta no ato religioso.

No entanto, ressaltamos a definição de Cícero (106-43 a.C.) que considera a religião como culto aos deuses, cultivo, adoração dos deuses, estando em evidencia o comportamento ritual correto. Refere-se à realização e a sequencia correta dos atos no culto, no serviço aos deuses; esta compreensão romana está voltada mais para uma pratica religiosa do que para uma crença.

Embora na busca de um sentido, de uma definição ou de trazer um conceito o mais próximo possível de nosso objeto de estudo, reconhecemos que o termo religião ora aparenta ser estreito demais para defini-lo ora, amplo demais para abranger tudo aquilo que em outras tradições religiosas e culturais é descrito como termos que parecem corresponder a ele, sem falar que, nesses termos ressoam diversos significados não explícitos que não correspondem imediatamente aquilo que está em nossas mentes quando pensamos em religião. (HOCK, 2010). Segundo Alves (1981, p.22), “a religião surge como teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza”.

Obviamente que o uso do termo religião na atualidade já se tornou algo comum que intenta definir os diversos sistemas de crença que temos conhecimento. No entanto, é preciso considerar que ele (o termo) não é suficiente para que se “enquadre ou categorize” todos os sistemas religiosos, de crenças ou filosofias que conhecemos. Desse modo, nos apoiando em Eliade (1989) para justificar a nossa compreensão sobre o uso do termo religião, tendo em vista que em nossa experiência vivenciada com os alunos e o professor de ER visitamos vertentes distintas e que podem ter uma compreensão diferente do que significa religião.

Assim, destacamos que a compreensão que temos do termo, segundo esse autor, parte de alguns princípios que consideramos importante ressaltar. Um primeiro ponto que deve ser destacado é a contrariedade que o mesmo expressa na utilização do termo religião como insuficiente para tratar das “coisas sagradas” e isto pode ser verificado quando ele diz que “É lamentável não termos à nossa disposição uma palavra mais precisa que “religião” para designar a experiência do sagrado” (ELIADE, 1989, p. 9). O autor justifica esta sua colocação explicando que este termo usado para tratar sistemas religiosos diversos não seja suficiente para abarcar as religiões presentes no oriente e no ocidente como se fossem sistemas equivalentes, o que é uma visão equivocada quanto uso do termo de forma genérica.

No entanto, o próprio Eliade admite que na falta de um termo mais adequado e “talvez seja demasiado tarde para procurar outra palavra” (1989, p. 9) tenhamos que nos submeter ao uso deste termo que segundo ele

[...] religião pode continuar a ser um termo útil desde que não nos esqueçamos de que ela não implica necessariamente a crença em Deus, deuses ou fantasmas, mas que se refere à experiência do sagrado e, conseqüentemente, se encontra relacionada com as ideias de *ser sentido e verdade*. (ELIADE, 1989, p. 9).

Nesta exposição o autor deixa claro seu entendimento e posicionamento sobre o termo religião. Ele vincula este uso à “experiência do sagrado”, pois, é a essência de sua teoria, não há possibilidade de se falar em religião sem que parta do pressuposto da experiência. Um outro detalhe importante, é o fato de não vincularmos o termo “a crença em Deus”, neste caso ele alerta que é muito comum a utilização do termo com a configuração judaico-cristã dada ao termo religião. E como o mesmo expressa, precisamos ligá-lo à ideia de “ser sentido e verdade”, o que o torna muito mais abrangente e assim pode abarcar aqueles sistemas de crenças que não se vinculam à uma divindade.

A religião tem a intenção de dar conta dos fenômenos que envolvem o ser humano, sejam eles suas angústias, sofrimentos conflitos e outros sentimentos que possam retirar do homem aquilo que se conhece como sensação de paz. E sobre esse aspecto é preciso também considerar a ação pedagógica que a religião pode empreender sobre determinado fenômeno como uma descoberta e de forma análoga a educação tem o caráter de continuar descobrindo o mundo, inaugurando outros saberes ainda não foram totalmente explicitados. São duas dimensões relevantes, pois uma leva a esforçar-se para assimilar o que foi sistematizado por outros e a outra conduz a sistematizar o ainda não estruturado, são ações simultâneas.

Consideramos relevante destacar que essas dimensões têm suas particularidades ou especificidades de acordo com cada contexto cultural em que se encontram inseridas. E de modo particular tratando do contexto brasileiro, e de modo mais específico, o paraibano, precisamos ressaltar a diversidade cultural e religiosa em que nos encontramos inseridos para que se valorize a perspectiva diversificada que nos permite múltiplos olhares e formas distintas de vivenciar a nossa relação com o sagrado. No entanto, precisamos enfatizar que mesmo vendo esse processo positivamente como uma oportunidade de aprendizado mútuo, sabemos que nem sempre as coisas foram vistas e vivenciadas dessa forma.

Assim, relembramos que a diversidade cultural e religiosa, a convivência entre sujeitos com culturas, identidades e crenças diferentes, historicamente, sempre foi marcada mais por tempos de cegueira que de lucidez. Cegueira esta em que representações sociais equivocadas, e porque não preconceituosas, negadoras, rotuladoras e exotizadoras em relação ao outro, tem fomentado a intolerância religiosa em distintos contextos, espaços e lugares como nos afirma Martini (1995).

São cegueiras produzidas pela falsa percepção que somente existe uma verdade cujo domínio pertence ao grupo que integro que faço parte, que meus pais me ensinaram, jamais o grupo do outro. O dogmatismo religioso, segundo Martini (1995, p.35) “consiste em fazer com que indivíduos e grupos se projetem numa ilusória infinitude ao pretenderem realizar em si propósitos a totalidade”.

Tal problemática complexa ao longo do tempo foi instituindo diferentes olhares e saberes, buscando formas de superar limites, descortinar horizontes e dar sentido à vida. Esses grupos configuram cosmovisões, crenças e tradições religiosas capazes de desenvolver e instaurar processos de libertação e/ou opressão. Neste sentido, crenças religiosas podem ser utilizadas para produzir cegueiras, endossar lógicas opressivas, embora muitos documentos e declarações nacionais e internacionais já tenham sido elaborados com o objetivo de regulamentar, delimitar, defender os direitos humanos e da terra.

Desse modo, compreendemos que a abordagem da diversidade cultural e religiosa na escola se realiza, portanto, a partir do encontro de nossos valores simbólicos, sociais, econômicos, culturais e do outro (criança, adolescente, jovem, adulto e idoso), o diferente. Por fazer parte de uma construção sócio-histórica imersa na cultura, torna-se cada vez mais necessária a revisão de determinados padrões éticos, estéticos e formativos.

As religiões fazem parte da cultura humana, estão presentes na maioria dos povos em seus diferentes contextos históricos, desde as sociedades antigas, aquelas de tradição oral, ali a religião se faz presente, com suas crenças, com seus símbolos, com seus rituais, enfim, se manifesta como uma força poderosa na organização da vida social do povo. O que de certo modo revela no universo cultural o poder das crenças, dos movimentos das tradições religiosas, ora influenciando, ora sendo influenciado

pelas culturas através do grande sistema simbólico que possui. Assim sendo, as elaborações simbólicas relativas ao religioso, presentes em cada grupo social, são parte integrante da diversidade cultural, e portanto, patrimônio da humanidade, como nos assegura Fleuri (2013).

Ademais, as diferentes expressões religiosas, tendem a afirmar que a vida é absolutamente preciosa, infinita e inestimável, ou seja, para Eaton (2009, p.114), as expressões religiosas ensinam o valor da vida humana e a noção de Sagrado. Como nos demonstra Eliade (2010) tratando da manifestação através da hierofania, como algo essencial

Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só rotura na homogeneidade do espaço, como também *revelação de uma realidade absoluta*, que se opõe à *não-realidade* da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde, portanto, nenhuma *orientação* pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro”. (ELIADE, 2010, p.26 - grifos do autor).

Nesse contexto, pode-se pensar no diálogo intercultural, como uma alternativa libertadora, como uma possibilidade de aproximar as pessoas com suas culturas e religiões tão diversificadas. Tendo como proposta uma educação comprometida com a diversidade de seus sujeitos, adotando o diálogo como princípio, para assim assumir o papel de refletir, discutir, analisar e organizar princípios que conduzam a vivências fundamentadas na ética e nos direitos do cidadão, bem como o respeito à diversidade cultural e religiosa, e sua relação com o sagrado.

Quanto ao Espaço Sagrado: Símbolos e a Vivência da Pesquisa

O símbolo não representa somente algo, mas também sugere “algo” que está faltando, uma parte invisível ou é necessária para alcançar a conclusão ou a totalidade. O símbolo carrega o sentido de unir as coisas para criar algo maior do que a soma das partes, como nuances de significado que resultam em uma ideia completa.

É possível entender os símbolos como promotores de uma educação que é vida, parte da vida e volta-se para a vida com seu significado último. Nesse sentido, há de proporcionar ao ser humano os meios e oportunidades para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, entre as quais está o senso do simbólico.

No universo simbólico redescobre-se, também, as razões de suas buscas, tendo como intermediários os símbolos, as imagens e os mitos. Para isso o estudo do simbolismo é oportuno, em “colaboração com a estética literária, antropológica filosófica, a psicológica” (ELIADE, 1991, p. 16). Dessa forma, leva-se em conta a história das religiões, da etnologia, do folclore, dos ritos e demais práticas religiosas da comunidade local, principalmente daquelas realizadas pela família ou grupo a que pertencem os educandos e as educandas.

Segundo Mardones (2006, p.15) “o símbolo é a linguagem da transcendência”, e tem a capacidade de ser exposição, no sensível, de nossos vislumbres do mistério. Ou seja, o símbolo é “um tipo de conhecimento e aproximação da realidade invisível, da realidade não disponível nem à mão” (2006, p.15). Como também, [...] o símbolo procura tornar acessível o inacessível, dar palavra ao silêncio do inefável, dar hospedagem à transcendência. O símbolo quer unir o rompido e o fraturado, estender uma ponte sobre o separado e situado em dois âmbitos diferentes: por isso, é a expressão de encontros e desencontros, tal como nos assegura (MARDONES, 2006, p. 15), enfim o símbolo vive da evocação e inspiração do ausente, (2006, p.16), o que nos remete à uma instância do que pode ser apreendido pela imaginação.

De acordo com Alves (1981) foi necessário que a imaginação ficasse grávida para que o mundo da cultura nascesse. Conforme este teórico, consideramos que a imaginação tem uma função relevante na produção cultural da humanidade bem como observamos nas obras artísticas e literárias. Segundo Gomes (2011) a imaginação [...] provém do corpo ou da relação do homem com a natureza. Comungamos com este pensamento, pois está embasada na teoria bachelardiana da “imaginação material”¹. Os símbolos refletem àquilo que a razão não é capaz de abranger, pois os símbolos são assim, representam algo, estão no lugar de um sentimento, de uma pessoa, de um momento (NASSER, 2006).

Do ponto de vista simbólico, notamos que o universo simbólico do homem tem como objetivo trazer sentido frente a realidade da existência efêmera da humanidade, como bem disse Alves (1981), os símbolos são cópias, reflexos, ecos daquilo que

¹ A imaginação material conforme Gaston Bachelard é a dialetização da objetividade da matéria com a subjetividade do homem, num mesmo tempo. Matéria em Bachelard é o objeto de intuição, como exemplo, o fogo em diversas culturas, assumindo papéis simbólicos na relação entre o homem e o mesmo.

fazemos [...] eles ganham densidade, invadem o mundo. Na relação entre os homens e o mundo presente está evidente a presença de símbolos em todas as partes, transmitindo algo a esse homem de tal modo que haja uma interação simbólica.

O mundo simbólico do homem é carregado de sentido. Conforme Cassirer (1994), os símbolos se apresentam como o campo intermediário entre o espírito e a matéria. “O símbolo se constitui na capacidade que o homem tem de transcender e trazer significados que faça uma relação entre o “eu subjetivo” e a “realidade objetiva”. Basta observarmos a diversidade simbólica as produções culturais humanas nos apresentam. Como exemplo, as artes plásticas, as pinturas em quadros, as pinturas rupestres em cavernas, as obras arquitetônicas dos templos gregos e pirâmides egípcias, as obras literárias como a Bíblia Sagrada, o Alcorão, os Mitos Gregos, lendas que subsistem pela tradição oral, enfim, o homem em todas as épocas busca dar sentido ao mundo no qual está inserido.

Portanto, tudo na natureza é passível de simbolização, pois o próprio homem possui em si mesmo essa capacidade de atribuir sentido as coisas. A linguagem simbólica é utilizada quando não há mais recursos comuns. Por esta razão, os símbolos ocupam um lugar importante na espiritualidade das pessoas. A linguagem simbólica converge para a manifestação do transcendente (NASSER, 2006). Sendo ele (o símbolo) um elemento presente nos locais de culto, o que costumamos denominar de espaço sagrado.

Partimos do pressuposto de que esses locais possuem uma transcendência em função de ora se apresentarem como um lugar comum (profano) e ora modificando-se seu *status* para a instância sagrada mediante a interpretação humana e à ocorrência de fenômenos, ou hierofanias (ELIADE, 2010). Desse modo, o que se conhece como espacialidade, território, lugar de culto, etc. pode ser compreendido como aquilo que denominamos de espaço sagrado de acordo com o que ocorre enquanto fenômeno naquele local, como nos indica o autor abaixo

[...] comparar as duas experiências em questão: a do espaço sagrado e a do espaço profano. Lembremo-nos das implicações da primeira: a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um “ponto fixo”, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a “fundação do mundo”, o viver real. A experiência profana, ao contrário,

mantém a homogeneidade e portanto a relatividade do espaço. (ELIADE, 2010, p. 27).

Ou seja, os espaços podem se transformar em locais sagrados de acordo com os fenômenos ali ocorridos, não há um local que seja determinado de forma restrita e absoluta como sagrado, isso é relativo. Assim como também podem ser relativizados no que consiste à visão de cada pessoa. O que é sagrado para nós não necessariamente é sagrado para outros povos e culturas, assim como também ocorre com os espaços e territórios.

Por isso têm-se tornado cada vez mais comuns as pesquisas que vislumbram o mapeamento dos locais e espaços ditos sagrados, o que tem recebido a atenção por parte dos pesquisadores e cientistas das religiões, de forma mais específica os que tratam da perspectiva da geografia da religião.

Partimos do pressuposto de que a geografia da religião, concentrando-se no componente religioso, investiga primeiro, a interação espacial entre uma cultura e seu ambiente terrestre complexo; segundo, a situação espacial entre diferentes culturas, segundo Rosendahl (2002). Assim consideramos relevante apontar qual a ideia concepção de geografia de religião que estamos apoiando-nos, vejamos:

A geografia da religião busca assim situar o homem no mundo vivido – tarefa de toda a geografia – na perspectiva de sua dimensão espiritual, entendida como o sentido dado ao seu lugar no mundo, numa relação de transcendência, como resposta à sua finitude existencial, sem perder a conexão dialógica com as outras dimensões da existência humana. Em outras palavras, a geografia da religião é a mesma e única geografia sob a perspectiva privilegiada do sagrado. (GÓIS, 2013, p. 351).

Logo, entendemos que esta pesquisa que realizamos se caracteriza como um trabalho que possa estar ligado ao que se sistematiza na geografia da religião. Até porque o sagrado é uma experiência fundamental, constitutiva do humano e sua expressividade objetiva, e a religião é um aspecto indissociável da vida como nos afirma Góis (2013), desse modo, para a geografia da religião interessa menos a instituição religiosa e mais o universo simbólico que imprime na paisagem a sua característica. Assim, os geógrafos se interessam pelos aspectos da vida, tais como imagem e simbolismo, valor e significado, uma vez que a religião é um aspecto da vida que permite a investigação desse tema, como nos assegura, Rosendahl (2002).

Para compreender a noção de território partimos do pressuposto de que todo ser humano é um ser situado no mundo, no planeta terra. Por outro lado, um sujeito ou grupo, não se encontra em todo o planeta, e sim, em uma porção delimitada do mesmo, que podemos chamar seu território, segundo Gois (2013). Assim, o território está diretamente relacionado ao alcance das ações dos homens ou de grupos humanos situados em determinada posição deste solo planetário. O que nos remete á justificativa de percebermos nossa pesquisa como um exemplo de um trabalho da geografia da religião, porque

A geografia da religião é uma perspectiva da geografia que procura responder a questão do lugar do homem no espaço vivido, a partir de sua dimensão espiritual, enquanto existência significada, ou seja, existência de sentido. Desse modo, uma geografia da religião não deverá se ocupar tanto das instituições religiosas – tarefa mais propícia à sociologia – mas do sagrado que configura o espaço vivido de um determinado lugar como lugar de sentido para as pessoas que nele coabitam. (GÓIS, 2013, p. 350).

Nesse sentido, a nossa pesquisa teve a aspiração de situar três espaços, ou melhor, territórios sagrados no contexto urbano da cidade de João Pessoa. Uma vez que consideramos a noção de território onde está um grupo ou determinado sujeito e qual o alcance de sua presença a partir desta posição, vejamos três imagens fotográficas que registramos.

Imagem1: espaços sagrados Igreja evangélica, católica e terreiro de umbanda.



Fonte: acervo das autoras

Selecionamos três imagens fotográficas do lugar onde se realiza os encontros de cada vertente religiosa visitada em nossa pesquisa. Segundo uma ordem da esquerda

para a direita temos primeiro a imagem de uma Igreja Evangélica, em seguida de uma Igreja Católica e por último de um Terreiro de Umbanda. Consideramos que estes territórios representam simbolicamente o lugar de culto também de pertencimento religioso de cada um dos grupos de adeptos desses sistemas religiosos ali representados.

Por ocasião de identificação desses locais, foi possível perceber que para os alunos os dois primeiros templos cristãos se apresentam bastante conhecidos no contexto urbano, são modestos, porém, cada aluno reconheceu cada um, enquanto que o terreiro de umbanda não foi reconhecido. Talvez sua própria estrutura arquitetônica muito semelhante com uma residência, contribua para essa não-identificação. No entanto, desconfiamos que não seja apenas pela estrutura arquitetônica dos mesmos, mas também, pelo fato de que os adeptos dessa religião ainda sofram com discriminação sendo vítimas de preconceito religioso e com isso preferem a discrição de locais comuns, que não denunciem abertamente sua prática religiosa.

Quanto a forma de ocupação dos espaços, apontamos algumas peculiaridades, pois percebe-se que os dois primeiros templos distribuem bancada para acomodar os fieis, enquanto que no terreiro existe uma hierarquia para distribuir o lugar de sentar no chão. Embora durante o processo de culto aconteça o momento para sentar e levantar das pessoas. Este fato foi bastante significativo para os alunos, ao perceberem que o chão possui um valor simbólico, o que nos remete ao que o conjunto de ações simbólicas presente nesse sistema religioso indica: o contato e a relevância com a terra, com a natureza.

Por outro lado, o que existe de comum nos três lugares, é que o espaço de adoração se constitui como um lugar de encontro, onde os fieis terão a presença do seu líder religioso que conduzirá os passos da celebração para aquele momento de comunhão. Remetendo à um lugar de encontro tanto com o sagrado como com a comunidade em si. Tornando-se um local de celebração e de partilha da mesma crença, absorvendo assim, de forma simbólica, um status de uma unidade, um lugar comum, lá “todos se tornam um”.

Outro elemento que se fez presente nos três locais, foi a música. Nos casos das vertentes cristãs existe uma adoração, e/ou louvor, que é uma forma de envolver cada participante, que aos poucos vão sendo conduzidos pelo clima ali propício para o atuar

das emoções e aos poucos vão manifestando alegria, choro, e outras reações. O elemento música também se faz presente na vertente afro-brasileira visitada, mas que nesse contexto tem uma conotação de evocação dos orixás através das danças. Esse é outro aspecto primordial nesta vertente a dança corporal.

Na caracterização desses locais sagrados, ainda destacamos a distribuição dos símbolos sagrados nos três espaços, foi possível perceber que existe um lugar separado para cada símbolo, ocupando assim, seu valor simbólico, como é o caso da cruz na Igreja Católica, que aparece no centro e de forma elevada remetendo ao processo ascensional. Enquanto que na vertente evangélica o que se destaca é o espaço reservado à assemblei, com um altar com poucos símbolos, mas que reserva um lugar privilegiado para o pastor, como aquele que será o condutor da palavra.

E no caso do terreiro de Umbanda, destacasse os elemntos simbólicos comuns nestes ambientes as imagnes que são associadas aos orixás e os elementos da natureza, traço pecilar desse grupo, bem como as vestes de cor branca de forma predominante. As indumentárias com seus artefatos, turbantes, de modo simbólico apresenta a hierarquia existente entre os adeptos.

Considerações finais

Bem de certo modo não estamos limitados à religião e as religiões de uma maneira objetiva. Ao invés de focalizar as religiões como sistemas de crenças, sugerimos conhecer as diferentes tradições religiosas, utilizando o enfoque interpretativo, seja pela experiência pessoal dos indivíduos; seja pela vivencia dos grupos visitando espaços sagrados.

Entendemos que assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa e superar quaisquer formas de proselitismo constitui um desafio importante evidenciado pela legislação brasileira para a prática educacional nas escolas públicas, sobretudo no que se refere ao Ensino Religioso. Desse modo, buscamos desafiar a superar tanto o confessionalismo, quanto o silenciamento, em nome da neutralidade, das convicções de caráter religioso no contexto escolar.

Assim, o nosso propósito buscou fortalecer a inserção da diversidade do fenômeno religioso no âmbito escolar, bem como, incentivar a interculturalidade, a interdisciplinaridade e a aprendizagem de modo divertido, prazeroso e responsável.

Até porque entendemos que o espaço sagrado não se refere apenas a um espaço localizável/um lugar, o *lócus*, porem, está relacionado a uma serie de experiências religiosas que conjuntamente estruturam a dimensão da esfera religiosa e humana, abrangendo dimensões físicas e simbólicas do fenômeno religioso.

Desse modo, partindo desses referenciais propostos, pensamos numa atividade voltada para o ER, no qual o espaço sagrado seja significativo, até porque estes espaços têm contribuído para agregar pontualmente pessoas. A atividade proposta foi refletida como nível complementar, a partir da visita aos três lugares selecionados ressaltando a simbologia presentes nestes territórios.

Mediante a experiência vivenciada ressaltamos que esta vivência favoreceu a apreensão por parte dos alunos da diversidade cultural e religiosa em que os mesmos se encontram inseridos, na região próxima à escola. Além disso, é preciso ressaltar que essa vivência transformou-se numa oportunidade de aprendizagem mútua envolvendo tanto professor de ER quanto seu alunado, remetendo à um conjunto de troca de experiências que não se limitou ao momento da atividade em si. Mas, que pode ser compartilhada posteriormente em outros momentos em sala de aula.

Nesse sentido, esclarecemos que em nosso entendimento, a experiência religiosa é permeada por elementos que são os instrumentos de conexão com o Sagrado. Esses elementos reduzem aquilo que há de distanciamento (e/ou rompimento) entre o homem (o profano) e a divindade, por isso, a mediação através do símbolo (assim como o mito e o rito), é tão significativa como linguagens que aproximam essas duas instâncias a humana e a sagrada. E nessa perspectiva de contato e/ou mediação simbólica consideramos os espaços sagrados como locais adequadamente preparados para que este contato ocorra, por isso sua relevância tanto na perspectiva da religião quanto da educação.

Referências

ALVES, Rubem. **O que é religião**. SP: Brasiliense, 1981.

ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8. ed.SP:Ática, 2000.

BRASIL. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf>.
(Acesso em 20/08/2016).

CALDEIRA, Rachel; PAROLIN, Isabel. Formação de professores: um investimento em autoconhecimento. **Psicopedagogia: Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**. SP: ABPp, 2007, n.74.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. 4 ed. SP: Ed Perspectiva, 1994.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução Helder Godinho. SP: Martins Fontes, 2003.

EATON, H. Honrar a criança e a religião: questões e insights. In: CAVOUKIAN, R. OLFMAN, S. (Orgs.). **Honrar a criança: como transformar este mundo**. SP: Instituto Alana, 2009, p.111-121.

ELIADE, Mircea. **Origens: história e sentido na religião**. Lisboa: edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. SP: Martins Fontes, 1991.

FILHO, S. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. 2 ed. Curitiba: Ibpx, 2012.

FLEURI, Reinaldo Matias et al.(Orgs.). **Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver**. Blumenau: Ediouro, 2013.

FONAPER. **Parâmetros Curriculares do Ensino Religioso**. São Paulo: Ave Maria, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Organizado por BELL, Brenda, GAVENTA, John e PETERS, John. Tradução de Vera Lucia Mello Josceline. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

GIL FILHO, S. F. Espacialidades de conformação simbólica em geografia da religião: um ensaio epistemológico. **Espaço e Cultura**, n. 32, p.78-90, 2012.

GIL FILHO, S. F. Geografia da religião: o sagrado como representação. **Terra Livre**, n. 24, v. 1, p. 119-133, 2009.

GOIS, Aurino José. A geografia religiosa dos terreiros de candomblé de Contagem, Minas Gerais. **Revista Interações Cultura e Comunidade**. Belo Horizonte, Brasil, v.8. n.14, p.348-361, jul/dez 2013.

GOMES, Eunice Simões Lins. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes**: quando a imaginação molda o social. 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião**. Tradução de Monika Ottermann. SP: Edições Loyola, 2010.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. (Org.) **Ensino Religioso no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2015.

KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SOARES, Afonso Maria Ligório (Orgs.). **Educação e religião**: múltiplos olhares sobre o Ensino Religioso. SP: Paulinas, 2013.

KLEIN, Remi; JUNQUEIRA, Sérgio R. A.. Aspectos referentes à formação de professores de ensino religioso. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 221-243, jan./abr. 2008.

MARDONES, José Maria. **A vida do símbolo**: a dimensão simbólica da religião. Tradução de Euclides Martins Balancin. SP: Ed. Paulinas, 2006.

MARTINI, A. et.al. **O humano, lugar do sagrado**. 2 d. SP: Olho d'água, 1995.

NASSER, Maria Celina Cabrera. **O uso dos símbolos**: sugestões para a sala de aula. SP: Paulinas, 2006.

OLIVEIRA, Lilian Blank. A formação de docentes para o ensino religioso no Brasil: leituras e tessituras. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v.5, n.16, p.247-267, set/dez. 2005.

PASSOS, João Décio. **Ensino Religioso**: construção de uma proposta. São Paulo: Paulinas, 2007.

PEREIRA, C. J. Geografia da Religião: um olhar panorâmico. **RA e GA**, Curitiba, n. 27, p. 10-37, 2013.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. RJ: Eduerj, 2002.

ROSENDAHL, Z. História, teoria e método em geografia da religião. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 31, p. 24-39, Jan/Jun, 2012.

SENA, Luzia (Org.). **Ensino Religioso e formação docente**: ciências da religião e ensino religioso em diálogo. SP: Paulinas, 2007.

SILVA, R. Geografia da religião: uma contribuição de abordagem através das práticas espaciais de intolerância religiosa na urbanidade carioca. **Revista Magistro**, vol. 1, n. 1, 2012.

SOARES, Afonso M.L. **Religião e educação**: da ciência da religião ao ensino religioso. SP: Paulinas, 2010.

USARSKI, Frank.(Org.). **O espectro disciplinar da ciência da religião**. SP: Paulinas, 2007.